

O centro do mundo e o mundo lá fora: uma reflexão crítica sobre “O Largo”, de Manuel da Fonseca

Igor Fernando de Jesus Nascimento
Universidade Federal do Maranhão
Márcia Manir Miguel Feitosa
Universidade Federal do Maranhão

Resumo

A partir do texto “O Largo”, de Manuel da Fonseca, analisaremos as categorias de lugar, espaço, identidade e memória pelo viés da Geografia Humanista Cultural. O local em questão é o largo do conto do referido autor. Nele veremos como um lugar – centro em que pessoas compartilham experiências e memórias – se torna um espaço, ou seja, um local indefinido, sem relações com as pessoas. Esse Largo, de “Centro do Mundo”, se transforma, com a chegada do comboio, em “Mundo lá fora”. Essa transição se dá quando as pessoas deixam de compartilhar suas experiências no Largo e se reúnem em cafés, clubes e se comunicam com o mundo de fora por meio da telefonia. O cerne desse artigo é identificar em que passagens da narrativa de Manuel da Fonseca a transição lugar-espaço é realizada e como tais mudanças dialogam com os textos dos estudiosos Yi-Fu Tuan (*Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*), Kathryn Woodward (Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual) e Maurice Halbwachs (*A memória coletiva*).

Palavras-chave: espaço; lugar; memória; literatura.

Résumé

A partir du texte «O Largo» de Manuel da Fonseca on analysera le lieu, l'espace, la identité et la mémoire du point de vue de la Géographie Humaniste Culturelle. Le site en question est le parvis du conte de l'auteur mentionné. On y voit comment un lieu – centre où les gens partagent leurs expériences et souvenirs – devient un espace, à savoir un site indéfini sans relations avec les gens. Ce parvis (o Largo), considéré comme «le centre du monde», se transforme en "le monde d'ailleurs" avec l'arrivée d'un train. Cette transition se produit quand les gens ne parviennent plus à partager leurs expériences dans le parvis et se recueillent dans des cafés et se communiquent avec le monde dehors par téléphone. Le but de cet article est d'identifier dans quels points de la narrative se trouve la transition lieu-espace et comment tels changements dialoguent avec les textes des théoriciens Yi-Fu Tuan (*Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*), Kathryn Woodward (Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual) et Maurice Halbwachs (*A memória coletiva*).

Mots-cles: espace; lieu; memoire; litterature.

1. Introdução

A geografia por muito tempo separou o natural do humano como dois objetos de estudo distintos, embora esteja situada nesses dois domínios do conhecimento. Porém, atualmente, tal perspectiva separatista começa a dar espaço para uma abordagem

O centro do mundo e o mundo lá fora: uma reflexão crítica sobre “O Largo”, de Manuel da Fonseca conjuntiva, na qual paisagem, espaço, natureza e o fator humano estão interligados. Não há como separar o homem da natureza, estudando-os como entes separados. A natureza não é mais vista com “uma dimensão de interface com a sociedade, mas como uma dimensão de transmutação e transfiguração” (SUERTEGARAY, 2001, p. 12). As intervenções do homem afetam toda uma cadeia de eventos. Não se pode negar que o efeito estufa, por exemplo, atinja regiões inóspitas e intocáveis como as geleiras da Antártida. Assim, o homem passa a ser fator da natureza na medida em que a altera e vice-versa, pois a natureza atua sobre o homem. Não há, portanto, como saber onde um começa e o outro termina. Além disso, à parte os estudos dos fenômenos naturais e das ações do homem na sociedade e na natureza, outro fator começa a ser levado em consideração atualmente. Trata-se da relação do homem com a natureza não somente na sua manipulação técnica, mas de acordo com suas emoções, suas memórias e suas experiências. A variável subjetiva se impõe e a nossa construção, não concreta, mas subjetiva do espaço é, também, objeto de estudo da geografia.

Tal construção, que parte do nosso íntimo, será o objeto de estudo desse artigo. Teremos, aqui, como pano de fundo, o conto “O Largo”, de Manuel da Fonseca (1981). Nele podemos ver que o fator subjetivo consiste na principal matéria do narrador para a confecção da história. Em nenhum momento da narrativa, à diferença de Flaubert e Zola, Manuel da Fonseca se atém a minudências físicas do local em questão. Não há nenhuma frase que diz, ao menos indiretamente, que o sítio era grande ou pequeno, com um monumento aqui, outro acolá. O único elemento incorporado ao Largo, presente além das pessoas que ali se encontravam e se encontram, são as faias: plantas de vida longa e de grandes ramagens, porém seres vivos que sofrem as benesses e mazelas do tempo – como as pessoas. De resto, nenhum banco específico, nenhum declive, nenhum tipo de cor. Voltaremos às faias mais tarde. Mas vale salientar a opção do autor de nos mostrar não *um* largo, mas *o* Largo presente em sua memória, posto que a “experiência é um termo que abrange as diferentes maneiras por intermédio das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade” (TUAN, 2013, p. 17).

Abordaremos, nesse artigo, os conceitos de *Espaço* e *Lugar*, tomando-os de empréstimo à Geografia Humanista Cultural, para depois adentrarmos nas alegorias do conto “O Largo”, de Manuel da Fonseca (1981). Segundo Yi-Fu Tuan, um dos expoentes dessa vertente geográfica:

O *espaço* é um símbolo comum de liberdade no mundo ocidental. O espaço permanece aberto; sugere futuro e convida à ação. Do lado negativo, espaço e liberdade são uma ameaça. [...] Ser aberto e livre é estar exposto e vulnerável. O espaço aberto não tem caminhos trilhados nem sinalização. Não tem padrões estabelecidos que revelem algo, é como uma folha em branco na qual se pode imprimir qualquer significado. O espaço fechado e humanizado é *lugar*. Comparado ao espaço, o lugar é um centro calmo de valores e estabelecimentos. (TUAN, 2013, p. 72, grifo nosso.)

Quando tratamos de lugar, tratamos de algo mais perto das memórias pessoais, das emoções. Por exemplo, uma casa para duas pessoas diferentes serão dois lugares diferentes, se uma morou nela toda a infância e se outra a frequenta apenas como visitante em férias. Certamente a casa será a mesma casa do ponto de vista físico, o objeto em si, posto não sair do local onde se lhe estão fincados os alicerces. Porém, nunca será igual para aquele que teve seus primeiros passos dados na sala e para aquele que meramente a visita por dois ou três dias.

Entendemos o espaço como algo ainda a ser definido. A sensação de liberdade que possuímos numa vasta pradaria, cujos horizontes não podem ser tangidos pelos olhos, é um estado desprendido das amarras da vida cotidiana, porque tudo ali é novo e indeterminado. Não há um lugar para ir, ou para ficar, ou por onde já passamos. Este espaço é aberto e, como salientou Tuan, também pode ser tido como algo perigoso e misterioso ou como algo que proporcione liberdade. Podemos nos sentir livres correndo em uma pradaria. Mas, no meio do oceano, por exemplo, cercados pelo périplo incerto das águas, tememos o espaço aberto pelo fato de sermos levados por torrentes vindas de algues profundos dos quais a origem e o destino nos são ignorados.

Acabamos de citar exemplos bem claros de lugar-espaço: a casa onde se habita, o oceano e a pradaria onde se está livre ou perdido. Porém, nem sempre isso é válido. Há quem se sinta preso em pradarias, há quem conheça bem o mar. Este espaço que para uns é indefinido e misterioso, para outros, pode ser familiar. Da mesma forma, a casa, para um recém-chegado habitante, vindo de outro país para viver com pessoas de culturas diferentes, pode ser um espaço igualmente indeterminado e hostil, como o oceano – não à toa a expressão “estar flutuando” para quando não entendemos um assunto ou uma língua.

O fator determinante para definir o que é o lugar e o que é o espaço é o sujeito, ou seja, a sua vivência ou não nesse ou naquele local. Mesmo que não haja mudança, pelo menos aparentemente – visto que a matéria está sempre sujeita ao tempo, à temperatura, ao fator humano etc. –, não podemos jamais dizer que ele é o mesmo para duas pessoas diferentes. A noção de espaço e lugar varia, e ambos se complementam, pois “os seres humanos necessitam de espaço e lugar. As vidas humanas são um movimento dialético entre refúgio e aventura, dependência e liberdade” (TUAN, 2013, p. 72).

Quando saímos da esfera da paisagem aberta e da casa fechada e adentramos no local público, tal como praças, parques e passeios, a relação espaço-lugar se expande indefinidamente, pois, diferente dos oceanos inóspitos e da casa restrita aos habitantes e aos visitantes, o local público é aberto para um número de pessoas consideravelmente maior. Cada um que passa por ali tem uma relação, do idoso ao jovem, do estrangeiro ao nativo. São inúmeros os pontos de vista e as formas de lidar com o mesmo local e, também, são incontáveis as mudanças que essa praça, parque ou passeio podem sofrer: reformas, depredações, abandono, chuva, sol.

No conto “O Largo”, esta relação se dá por intermédio de um narrador. Apenas por uma pequena frase, dois momentos bem rápidos em que ele se identifica, sabemos que se trata de alguém que teve uma história ali. Logo no início, meio que oculto entre os personagens do Largo, está o narrador: “E, lá ao cimo da rua, esgaldado, um que *eu* nunca soube quem era e que aparecia subitamente à esquina, olhando cheio de espanto para o Largo” (FONSECA, 1981, p. 24, grifo nosso). Mais à frente, outra aparição: “e esperavam-*nos* [as mulheres], submissas” (FONSECA, 1981, p. 25, grifo nosso). Não fosse esse pronome pessoal oblíquo direto e o sutil “eu”, antes para descrever o personagem desconhecido do que para se anunciar dentro da história, seria impossível identificar o narrador como o morador da região, como um narrador-personagem. Porém, no relato, que muitas vezes chega perto da prosa poética, podemos sentir a nostalgia desse sujeito que viveu os tempos em que o Largo era “cheio de vida, de valentias e tragédias” (FONSECA, 1981, p. 25). Por mais que só haja uma indicação concreta de que o narrador teve uma vida ali, todo o relato é povoado de uma experiência que atingiu seu auge e depois se findou. Há emoção. Há um lamento, uma

nostalgia. Sensações que não permitem ao sujeito que narra olhar tudo distante e imparcialmente.

Para termos uma visão global, traçaremos um resumo com vistas a destacar os estágios inicial e final do conto. Trata-se da história de um largo localizado no centro de uma Vila. Antes de o comboio chegar, trazendo produtos, fábricas, telefonias, entre outras modernizações, o Largo era o centro do mundo. Depois do comboio, as pessoas se dispersaram. O lugar onde as pessoas aprendiam, se instruíam, brincavam, brigavam tornou-se um espaço vazio, reduto de bêbados e vagabundos.

Temos, agora, o panorama daquilo que constitui o cerne desse artigo: como, no conto de Manuel da Fonseca, se deu a transição do Largo-lugar, “centro do mundo” (FONSECA, 1981, p. 23) para o Largo-espaço que “fica deserto sob a ramaria das faias silenciosas” (FONSECA, 1981, p. 23). Essa transição está contida na descrição das relações que os moradores nutriam com o largo, na caracterização dos personagens e na narração utilizada pelo autor, repleta de marcas poéticas, oriundas de quem viveu na região.

2. Do lugar ao espaço

O conto de Manuel da Fonseca é um relato de memórias e experiências. Não é uma história cujo desenrolar acompanharemos pelo viés de um personagem específico. Não há a tradicional jornada de um herói que tem um objetivo, passa por obstáculos e complicações para, no fim, alcançar ou não seu objeto de desejo. A exposição que o autor faz, logo de início, *grosso modo* é quase um resumo da história:

Antigamente, o Largo era o centro do mundo. Hoje, é apenas um cruzamento de estradas, com casas em volta e uma rua que sobe para a Vila. O vento dá nas faias e a ramaria farfalha num suave gemido, o pó redemoinha e cai sobre o chão deserto. Ninguém. A vida mudou-se para o outro lado da Vila. O *comboio* matou o Largo. (FONSECA, 1981, p. 23, grifo nosso.)

Em todo o primeiro parágrafo e logo na primeira frase do segundo, o autor expõe toda a situação que irá desenvolver no conto. De entrada, a pergunta que guia a curiosidade do leitor é: o que aconteceu com este lugar? Por que ele está assim? Dentro da literatura de roteiro cinematográfico, há um termo para um momento específico da história que varia de autor para autor, podendo ser *incidente incitante* (MCKEE, 2006,

p. 176), *incidente-chave* (FIELD, 2009, p. 143), *situação desestabilizadora* (COMPARATO, 2009, p. 134). Tudo isso é para denominar o evento que faz com que um ambiente aparentemente em equilíbrio entre em estado de desequilíbrio. Se extraíssemos esse evento, não haveria mais história. Em Hamlet (SHAKESPEARE, 1983), se retirássemos o assassinato do Rei, pai de Hamlet, não haveria mais peça. Na verdade, se retirássemos a aparição do fantasma do Pai dizendo que fora morto por seu irmão, não haveria mais o célebre enredo da vingança alucinada de Hamlet. Esse acontecimento foi o que deu partida a todos os demais, acionando o gatilho da ação dramática do protagonista. Voltando ao nosso conto, o evento que muda todo o contexto do Largo é a chegada do comboio. Ele responde à pergunta inicial: o que aconteceu com este lugar? Sem demora, a resposta é revelada logo no segundo parágrafo: o comboio matou o Largo. Diante disso, outra pergunta surge para atizar a curiosidade do leitor: “como, com a chegada do comboio, o Largo ficou assim?”.

Percebemos que, longe de dar grandes golpes, de oferecer ao público grandes revelações ou criar uma fábula com começo, meio e fim, o objetivo principal do autor é descrever este “como”, não usando de longas descrições, não argumentando, não acompanhando um personagem específico. O protagonista do conto é o Largo e o narrador se limita a narrar esse antes e esse depois. Não há a história de um personagem específico que atravessa a trama. Sequer há trama: há um antes e um depois do comboio, como dois quadros separados, dispostos lado a lado, sendo comparados. Nesse antes, o Largo era o “Centro do Mundo” (FONSECA, 1981, p.23). No depois, o Largo passou a ser “todo o mundo” (FONSECA, 1981, p. 27). As pessoas que frequentavam o Largo no antes trocavam experiências, informavam-se, riam, exibiam-se, conversavam; no Largo do depois, essas mesmas pessoas sumiram e passaram a se encontrar em cafés privados, a se informar por meio da telefonia, a se divertir em clubes. O Largo perdeu a sua utilidade para aqueles cidadãos e o “lugar onde os homens se sentiam grandes em tudo que a vida dava, quer fosse a valentia, ou a inteligência, ou a tristeza” (FONSECA, 1981, p. 24), fragmentou-se e, agora, no tempo presente da narração, “o mundo [o Largo] está em toda parte, tornou-se pequeno e íntimo para todos” (FONSECA, 1981, p. 26).

Nesse ponto crítico, o *Largo-Lugar* se transforma em *Largo-Espaço*. Fisicamente, o Largo não foi destruído, subterrado ou reformado. O que dele saiu foram

as pessoas que naquela parte específica da Vila se reuniam e compartilhavam vivências e memórias. Essa característica de reunir dá ao Largo as propriedades de um lugar:

Um lugar “reúne” ou aglutina qualidades, experiências e significados em nossa experiência imediata, e o nome se refere ao lugar de uma reunião específica e única. Qualquer parte que não reúna não é um lugar. Lugar (em oposição a *um lugar*) tem em si o conceito de especificidade e abertura, que acontece em virtude da reunião. (RELPH, 2012, p. 22, grifo do autor.)

Quando o processo de dispersão acontece, o Largo, cunhado pelo autor com letra maiúscula, como substantivo próprio, vira, pouco a pouco, *um largo*. Se antes havia um centro, depois das lojas, do comércio, das fábricas e clubes, não mais. O lugar único, aberto e amplo foi deixado por lugares fechados, íntimos e pequenos. Podemos dizer, margeando o jargão popular, que “cada um foi viver sua vida”. De fato, sim. Porém tal vida, particular, se recolheu e não é mais compartilhada com a vizinhança. Se há o encontro, este se dá em ambientes cercados, onde os convivas são clientes, associados ou de uma classe determinada. No Largo pós-comboio, por exemplo, permanecem apenas “os bêbados e os madraços dos malteses” (FONSECA, 1981, p. 27). Contraste enorme no sítio em que antes se cruzavam, lado a lado, valentes, inteligentes, bêbados, crianças, os senhores da Vila, os mestres alvanéis, os mestres-ferreiros, donos do comércio, empregados da Câmara, vagabundos etc. Em um estágio, as pessoas frequentam o mesmo lugar, convivendo de igual para igual *com qualquer um* e, na contramão, as pessoas que frequentam o Largo abandonado, bêbadas e vagabundas, são tratadas pelo restante da população *como qualquer um* sem valor.

A perda do caráter agregador do Largo é tal que, no texto, há duas conotações para palavra “mundo” que marcam o antes e o depois da vinda do comboio. Na primeira temos o Largo como o *Centro do Mundo*:

Era através do Largo que o povo se comunicava com o mundo. Também, à falta de notícias, era aí que se inventava alguma coisa que se parecesse verdade. O tempo passava, e essa qualquer coisa inventada vinha a ser verdade. Nada destruía: tinha vindo do Largo. Assim o Largo era o centro do mundo. (FONSECA, 1981, p. 24.)

Vemos o lugar como o centro de onde as práticas de significação e de onde os sistemas simbólicos irradiavam. Esse centro cria valores. Um local por onde novas

informações passam e ganham um sentido. Tudo se dava no Largo, saía dele e voltava para ele. Segundo Kathryn Woodward:

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. (WOODWARD, 2000, p. 17.)

No Largo e do Largo o mundo é (ou era) lido e inventado. As identidades se formavam e se moviam a partir daquele centro. Temos aqui uma consonância interessante com o filme *Os narradores de Javé*, de Eliane Caffé (2003). Nessa obra, em uma outra vila (Javé), os moradores são pegos de surpresa com a notícia de que uma represa inundará tudo. Como última medida, eles buscam resgatar a história de seu povo para que Javé tenha algum valor simbólico e não seja inundada em nome do progresso. Como não há registro escrito de um mito fundador, eles chamam um funcionário da agência dos correios, Antônio Biá, que anota as histórias da população. O relato, mesmo que, em parte, inventado, faria com que Javé se tornasse um centro consistente. A cidade não seria o *espaço* de uma represa, mas o *lugar* cujo seio abrigaria uma gente de origem legítima. Por meio desses sistemas de significações há visões de mundo, mundos nos quais o sujeito se identifica e assume uma identidade. O comboio e as águas da represa são dois fatores que ameaçam a unidade dos dois lugares citados, sobretudo porque a Vila de Javé e o Largo são redutos de um memória coletiva compartilhada que morrerá assim que as pessoas evadirem os dois lugares.

Para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam *muitos pontos de contato* entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser reconstruída sobre uma base comum. Não basta reconstruir pedaço a pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta construção funcione a partir de dados ou de noções em comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aquele e vice-versa, o que será possível somente se tiverem feito parte e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo (HALBWALCHS, 2006, p. 39, grifo nosso).

Quando destacamos “pontos de contato”, percebemos a importância do lugar para as duas histórias, tendo em vista o estabelecimento dos vínculos de memória. O

mundo gira em torno do Largo e as origens da população estão em Javé, precisamente por terem, Javé e o Largo, poder de agregar uma memória coletiva. O autor, logo no começo do conto, no seu segundo parágrafo, descreve o lugar de acordo com os seres que o frequentavam em vez de se ater a descrições físicas do local (dimensões, monumentos, localização etc.). Não somos apresentados ao Largo em si, mas aos personagens que ali viveram:

O senhor Palma Branco, alto, seco, rodeado de respeito. Os três irmãos Montenegro, espadaúdos e graves. Badina, fraco e repontão. Estroina, bêbado, trocando as pernas, navalha em punho. O Má Raça, rangendo os dentes, sempre enraivecido contra tudo e contra todos. O lavrador de Alba Grande, plantado no meio do Largo com sua serena valentia. Mestre Sobral. Ui Cotovio, rufião de caracol sobre a testa. O Acácio, o bebedola do Acácio, tirando retratos, curvado do grande pano preto. E, lá ao cimo da rua, esgalgado, um que eu nunca soube quem era e que aparecia subitamente à esquina, olhando cheio de espanto para o Largo. (FONSECA, 1981, p. 23-24.)

O narrador opta por características pessoais e por tipos de comportamento, valendo-se, notadamente, de apelidos. Elenca tais figuras justamente para que formemos um quadro não de um Largo comum, mas de um Largo onde pessoas de todos os estilos se encontram e convivem. De nada serviria descrever Estroina e os Irmãos Montenegro se eles vivessem cada um em seu canto e se cruzassem, eventualmente, na rua. O único personagem desconhecido é o último, não por acaso situado no cimo da rua, quase fora do Largo. E é um elemento de fora que irá fragmentar esta unidade. Indiretamente, a alegoria do desconhecido se insere no conto, o que nos provoca a suscitar outra conotação da palavra “mundo”:

Hoje, as notícias chegam no mesmo dia, vindas de *todas* as partes do *mundo*. Ouvem-se em *todas* as vendas e nos numerosos cafés que abriram na Vila. As telefonias gritam *tudo* o que acontece à superfície da terra e das águas, no ar, no fundo das minas e dos oceanos. *O mundo está em toda parte* e tornou-se pequeno e íntimo para *todos*. *Alguma* coisa que aconteça em *qualquer* região *todos* a sabem imediatamente, e pensam sobre ela e tomam partido. *Ninguém* já desconhece o que vai pelo *mundo*. E *alguma* coisa está acontecendo na terra. *Alguma* coisa terrível e desejada está acontecendo em *toda* parte. *Ninguém* fica de fora, *todos* estão interessados. (FONSECA, 1981, p. 26, grifos nossos.)

O mundo partiu-se. Antes, uno. Agora, indeterminado. O autor emprega em grande quantidade pronomes indefinidos que expressam uma totalidade turva, cujas bordas e consistência não podemos delimitar. “Todas”, “toda”, “todo”, “tudo”,

“alguma”, “ninguém”, “qualquer” aludem, metonimicamente, a *um* mundo repleto de indeterminações. Agora, a Vila, sem um centro em comum, é um local de identidades fragmentárias que se comunicam com o mundo (ou algo) vindo de fora, não mais com o produzido lá dentro.

Se no primeiro mundo, no qual o Largo era o centro, as notícias e o aprendizado se encontravam e irradiavam em um só ponto, no segundo mundo, não mais convergente, as informações advêm de múltiplos endereços e se instalam igualmente não mais em um só local, mas em numerosos lugares que não mais se entrecruzam: “O Largo, agora, é todo o mundo. É lá que estão os homens, as mulheres e as crianças. No outro Largo, só os bêbados e os madraços dos malteses – e aqueles que não querem acreditar que tudo mudou.” (FONSECA, 1981, p. 27.)

Instaura-se o conflito entre o “Centro do Mundo” e o “Mundo Todo”. Neste último repousa um indivíduo de identidade fragmentária. A vida contida no Largo pulverizou-se e se transformou em vários “pedaços” de vida isolados entre si. Temos um reflexo interessante desse sujeito fragmentado nas palavras de Woodward ao tratar da modernidade:

Nós participamos dessas instituições ou “campos sociais”, exercendo graus variados de escolha e autonomia, mas cada um deles tem um contexto material e, na verdade, um espaço e um lugar, bem como um conjunto de recursos simbólicos. Por exemplo, a casa é um espaço no qual muitas pessoas vivem suas identidades familiares. A casa é também um dos lugares nos quais somos espectadores das representações pelas quais a mídia produz determinados tipos de identidade – por exemplo, por meio da narrativa das telenovelas, dos anúncios e das técnicas de venda. (WOODWARD, 2000, p. 30.)

Podemos dizer que o comboio é a modernidade e suas mudanças na economia, nos padrões de produção de mercadorias e serviços, bem como do consumo, criação de indústrias e globalização? No livro *Modernidade e identidade*, Anthony Giddens sinaliza a modernidade com três aspectos fundamentais. Concentremo-nos apenas num, o primeiro, que é a *separação do espaço e tempo*. Segundo o autor, nas sociedades pré-modernas, “o tempo e o espaço continuavam ligados através do lugar” (2002, p. 22). Com o relógio e os mapas, esse tempo e espaço se tornaram universalizados. O espaço foi esvaziado. “A organização social moderna supõe a coordenação precisa das ações dos seres humanos fisicamente distantes; o ‘quando’ dessas ações está diretamente conectado ao ‘onde’, mas não, como em épocas pré-modernas, pela mediação do lugar.”

(GIDDENS, 2002, p. 23.) Ora, o comboio traz cafés, clubes e telefonias que confinam a população em pequenos lugares, porém conectados com o mundo lá fora.

O lugar mediador de relações perde a funcionalidade e, não à toa, se esvazia. Quando o narrador revela que o Largo de hoje ou o “Largo moderno” é todo o mundo, podemos relacionar essa conexão entre dois seres humanos por meio da internet, por meio da telefonia, sem a necessidade da presença física. Não se pode dizer que estamos isolados do mundo por estarmos em casa. Em todo lugar, há algo de alguma parte do mundo. Não estamos na presença do *outro* sobre o qual podemos projetar o olhar diretamente, mas estamos na companhia desses inúmeros *outros*, dos quais não sabemos os nomes nem os endereços. Só sabemos que, se hoje temos em nossa disposição a internet, certamente, por detrás das malhas invisíveis de *wi-fi*, há alguém. “Quem é?": eis a questão. Daí a imagem do comboio ser tão intensa no conto: é um meio de transporte que transporta coisas de outros lugares. Não há um motorista específico. Não há um comerciante. É *algo* trazendo coisas feitas por *outros*. Se o Largo, de um lado, é descrito por meio das pessoas que vivenciam aquele lugar, o comboio, do outro, é descrito pelos objetos que ele importa para aquele meio.

No centro dessa avalanche de mundos com os quais não estabelecemos contato direto, muitos indivíduos permanecem à deriva no curso do tempo da modernidade. São sujeitos como Saint-Preux, personagem de Rousseau em *Júlia ou A Nova Heloísa*, que lamenta:

Contudo, começo a sentir a embriaguez em que essa vida agitada e tumultuosa mergulha os que levam e caio numa vertigem semelhante à de um homem diante de cujos olhos fez-se passar rapidamente uma multidão de objetos. Nenhum daqueles que me impressionam retém meu coração, mas todos juntos perturbam e interrompem as afeições ao ponto de esquecer, por alguns instantes, o que sou e a quem pertença. (ROUSSEAU, 1994, p. 230-231.)

Eis um sujeito totalmente *depaysé*, palavra essa do francês que pode ser traduzida, literalmente, como “despaizado”, ou seja, sem pais; ou como “despaisagenado” – sem paisagem. Sem neologismos, optemos por “deslocado”: um ser sem-lugar, à deriva. Nesse estado situam-se dois personagens especiais de Manuel da Fonseca: João Gadunha e o velho Ranito, porém isentos da consciência de Saint-Preux, atormentado por um questionamento filosófico. Os personagens que ainda vivem o

Largo do passado, no tempo da modernidade, beiram à derrisão. Observemos a curva dramática de cada um.

João Gadunha é um bêbado que fala de Lisboa, contudo sem nunca tê-la conhecido de fato. Imita de forma canhestra os homens de quem escutou histórias de lá quando pequeno. Em uma anedota, certamente inventada, ele afirma:

– Sim, rapaz – afirma Gadunha erguendo a cabeça, cheio de importância. – Estava eu no Largo do Rossio a ver o movimento. Vá de passar o pessoal para baixo, famílias para cima, um mundo de gente, e eu a ver. Nisto, me deparo com um tipo a olhar-me de esquelha. Cá está um larápio, pensei eu. Ora se era! [...] Veio-se chegando, assim como quem não quer a coisa, e mete-me a mão por baixo da jaqueta. Mas eu estava à espera! [...] Salto para o lado e, zás, atiro-lhe uma punhada nos queixos: o tipo foi de gangão, bateu com a cabeça num eucalipto e caiu sem sentidos! (FONSECA, 1981, p. 28.)

Porventura, no Largo de antigamente, tal história poderia se converter em verdade. Porém, um pequeno detalhe, a não-existência de eucalipto no Largo do Rossio, foi o suficiente para desqualificar todo o relato. Semelhante informação, vinda de fora, talvez de almanaques ou da telefonia, subtraiu toda a credibilidade do contador de histórias. Mesmo se não fosse verdade, se todos o conhecessem como mentiroso, talvez escutassem tudo aquilo apenas como uma anedota, como mais uma história engraçada: “Gadunha esperto, se precipitou ao ladrão e deu-lhe um golpe certo. Ele veio lhe fuçar os bolsos e acabou com a fuça no tronco de uma árvore.” Pouco importa a espécie de planta, as pessoas ririam. Porém, como o mundo de fora determina o de dentro, o que vale é o erro na precisão do relato: ele não é verdadeiro de acordo com o que todo o mundo sabe. Como o Largo não é mais um sistema que gera significados, seus ditos são falsos, destituídos de credibilidade. E o retrato final do personagem é este:

João Gadunha fica sozinho e triste. Os olhos arrasam-se-lhe de água, a bebedeira dá-lhe a chorar. Agarra-se às faias, abraça-as, e fala-lhes carinhosamente. Aperta-as contra o peito, como se tentasse abarcar o passado. E as suas lágrimas molham o tronco caruncho das faias. (FONSECA, 1981, p. 28-29.)

Nosso outro personagem *depaysé* chama-se Ranito. Era um valentão, artífice-ferreiro; no instante presente da narração, está pobre, não passa de outro bêbado. No Largo de antes, “os valentes erguiam-se no meio do Largo e desafiavam a Vila, dobravam-na à sua vontade” (FONSECA, 1981, p. 24). No Largo do presente, Ranito

não tem préstimo. Preso ao passado, empunha um cacete e sai a bradar, a desafiar todo mundo. Ainda, por perto, não há ninguém. Em triste espetáculo no qual gasta a força de seu corpo velho em golpes abreviados ao chão, Ranito cede, exausto: “Aos tropeções, pende para frente e cai, tem que cair, o Largo já morreu, ele não quer, mas tem de cair. Pesado de bebedeira e de desgraça, cai vencido.” (FONSECA, 1981, p. 29.)

Tanto João Gadunha quanto Ranito, ao fazerem o que faziam antigamente no Largo de agora, situado depois da vinda do comboio, caem em decrepitude. Estão fora do lugar, fora da paisagem, *démodés*. Não há mais palco para o inventor de histórias. Ao que parece todos já conhecem tudo o que precisam ou podem solicitar conhecimento por outros meios. Não há mais pódio para o mais bravo dentre os homens; sequer há contato físico, condição *sine qua non* para qualquer disputa de força que se faça. Que fazem ali, a não ser dissolverem suas integridades – já ruídas – no álcool?

Mesmo o local físico, o Largo, sofre de “definhamento de sentido”. Relegado aos bêbados, perdeu também o viço de antes. No conto, podemos perceber tal degradação na insistente atenção que o autor concede às faias. No Largo de antes:

As faias se agitavam viçosas. Acentuavam rudemente os braços e eram parte de todos os grandes acontecimentos. À sua sombra, os palhaços faziam habilidades e dançavam ursos selvagens. À sua sombra, batiam-se os valentes; junto do tronco de uma faia caiu morto António Valmorim, temido pelos homens e amado pelas mulheres. (FONSECA, 1981, p. 24.)

Curioso é constatar como as árvores mantêm relação íntima com as pessoas da Vila. Seus galhos eram “braços”. Debaixo de sua sombra os eventos tinham lugar. A paisagem é preenchida por pessoas interagindo entre si e isso anima o entorno, preenchendo-o de vida. No outro largo, as faias já não interagem com as histórias e a vida dos habitantes: “O vento dá nas faias e a ramaria farfalha num suave gemido, o pó redemoinha e cai sobre o chão deserto.” (FONSECA, 1981, p. 23.) Em vez de pessoas, as plantas se põem a interagir, em um quadro melancólico, com os elementos da natureza: o vento, o pó, o chão. O lugar de vivência torna-se, pois, o espaço do abandono. Em vez de projetarem a sombra acolhedora de seus ramos, as faias cedem suas folhas aos ventos, juntam-se à poeira. Só podem interagir com as lágrimas de João Gadunha que molham o “tronco carunchoso das faias” e, por fim, com Ranito que “já não pode ver que o Largo é o mundo fora daquele círculo de faias esquecidas”.

Desta forma, mesmo as árvores, elementos estáticos *a priori*, são alteradas em função do comboio. Elas não secam, nem chegam a murchar ou cair. Apenas não interagem mais com as pessoas do Largo, fornecendo-lhes sombra e abrigo, antes se tornam simplesmente elementos de um espaço que não se configura mais como lugar. O local físico não deixou de existir, tampouco deixou de ser reconhecido como tal. Mas antes era *o* Largo. Sem valia, tornou-se *um* largo. De elemento da vivência e da experiência, passou a ser um elemento da paisagem.

3. Considerações finais

O Largo, além de título, constitui certamente o personagem principal do conto de Manuel da Fonseca. Mas como pode ser um personagem se não tem vida própria? Como um objeto físico, só terá significação de acordo com os significados que lhe forem atribuídos. Ele não existe *per se*, mas enquanto uma entidade que muda em função do valor que tem para as pessoas que o frequentam ou para as que deixaram de frequentá-lo. Pode ser o Centro do Mundo, lugar de onde histórias e vivências brotam, ou um espaço abandonado, onde os galhos das faias balançam ao sabor do vento.

A matéria sofre, por mais sólida que seja, o jugo do tempo no qual estão contidas as ações dos homens e os fenômenos da natureza. No Largo, pelo tratamento dado pelo narrador, eventos naturais como desgastes, terremotos, chuvas não são descritos. Não há interesse em pintá-lo, expondo suas linhas, sua textura, seu tamanho. Sua aquarela – além das faias que dão uma espécie de chão harmônico ao conto – é composta pelas pessoas que vivenciaram esse local e impuseram ali o colorido de suas ações. Se elas saem daquele lugar, temos um quadro composto de poeira, vento, folhas secas – que pode muito bem ser ilustrado em tons de cinza.

O conto de Manuel da Fonseca ilustra muito bem a impressão de um lugar que passa de fechado – limitado às relações entre uma comunidade em um local aberto –, para um lugar íntimo, atravessado por uma gama de informações que chega via telefonia. No primeiro, apesar de o ambiente ser aberto, ao ar livre, as fronteiras são bem delineadas. De lá as informações surgem e para lá o resto do mundo se direciona. No outro, apesar de aberto para todo o mundo, é encerrado em paredes, confinado em fios.

O Largo é despedaçado, não destruído. O que o autor aponta, então, é a sua mudança de “centro do mundo” para “todo mundo”. São as conexões que partiam de um só lugar que se espalharam. O Largo de Manuel, após a vinda do comboio, existe, porém parte dele está em todo lugar. Não podemos mais defini-lo. O Largo físico, sem mais o poder de reunir, de conectar as pessoas, se torna um espaço público qualquer, como muitas praças e passeios da nossa crua realidade.

Referências

- COMPARATO, Doc. *Da criação ao roteiro: teoria e prática*. São Paulo: Summus, 2009
- FIELD, Syd. *Roteiro: os fundamentos do roteirismo*. Trad. Alice Leal. Curitiba: Arte & Letra, 2009
- FONSECA, Manuel da. *O fogo e as cinzas*. Lisboa: Caminho, 1981.
- GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- MCKEE, Robert. *Story: substância, estrutura e os princípios da escrita de roteiros*. Trad. Chico Martins. Curitiba: Arte & Letra, 2006.
- NARRADORES de Javé. Direção: Eliane Caffé. Roteiro: Eliane Caffé, Luis Alberto de Abreu. Intérpretes: José Dumont; Matheus Nachtergaele; Nelson Xavier e outros. Rio de Janeiro, Riofilme, 2003. 1 filme (100 min.).
- RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In: MARANDOLA, Eduardo Jr. (Org). *Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia*. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Júlia ou A Nova Heloísa*. Trad. Fúlvia M.L. Moretto. Campinas: Hucitec, 1994.
- SHAKESPEARE, William. *Hamlet*. Traduction Raymond Lepoutre. Paris: Éditions Théâtre National Chaillot, 1983.
- SUERTEGARAY, D. M. Espaço geográfico uno e múltiplo. *Scripta Nova. Revista electrónica de geografia y ciencias sociales*. Barcelona, n. 93, 2001. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/sn-93.htm>>. Acesso em: 10 jan. 2016.
- TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Trad. Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Sociais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

Minicurrículo

Igor Fernando de Jesus Nascimento é graduado em Letras pela Universidade Federal do Maranhão e mestrando do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da mesma universidade. Autor da peça *As três fiandeiras* (2015) e das obras dramáticas *O assassinato de Charlenne* (2009), *As três estações da loucura* (2009) e *Caras-pretas* (2015).

Márcia Manir Miguel Feitosa é mestre e doutora em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo. Pós-doutora em Estudos Comparatistas pela Universidade de Lisboa. Professora Associada nível IV da Universidade Federal do Maranhão. Autora do livro *Fernando Pessoa e Omar Khayyam: o Ruba'iyat na poesia portuguesa do século XX*, publicado pela Editora Giordano em 1998 e organizadora, juntamente com a professora Ida Alves, do livro *Literatura e paisagem: perspectivas e diálogos*, publicado pela Eduff em 2010.